

Graves denúncias na Pastoral Indigenista

Secretário do Cimi descreve injustiças

FERNANDO FOCH
Enviado Especial

MANAUS — O presidente do Conselho Indigenista Missionário, dom Tomás Balduino, o secretário, padre Egidio Schwade, e a coordenadora do CIMI para a Amazônia Ocidental, Doroty Alice Mueller, encerraram ontem a primeira fase do I Encontro da Pastoral Indigenista Panamazônica, em Manaus, apresentando situação brasileira.

Vários casos de desrespeito aos direitos dos índios, especialmente no que diz respeito a suas terras, foram arrolados. Dom Tomás Balduino concluiu que "em todos os países da América Latina, os índios são marginalizados, mas nos países onde se organizam, têm conseguido superar os impasses sendo que no Brasil há perspectiva de saída".

Também foram apresentadas as situações do Peru, cujo expositor, dom Lorenzo Guibord, afirmou que "a preocupação talvez excessiva com os problemas imediatos nos faz sentir algo culpados por certo afastamento dos mais humildes e desprotegidos, os nossos indígenas".

"Em todo caso, pensamos que não se pode tratar do problema indígena fora do contexto dos demais grupos, e das condições globais em que se desenvolvem. Que este encontro nos ajude a descobrir e a descobrir-nos, e nos impulsione a dar um passo adiante no diálogo entre a fé e ciência, entre Antropologia e Teologia", acrescentou.

Depois da exposição dos brasileiros, o encontro passou ao exame dos fatos e das experiências pastorais relatadas, com o objetivo de encontrar uma ação comum. De um modo geral, constatou-se a incompatibilidade do trabalho missionário com o que seria a filosofia das políticas indigenistas, o alegado desamparo do índio e sua violação cultural com conseqüente extermínio, e dificuldades interpostas ao trabalho da Igreja.

A exposição da situação do Brasil foi feita de acordo com as unidades amazônicas da Federação. No que concerne a Roraima, padre Egidio Schwade disse que apontou "problemas de terras" e o caso da reserva da Fazenda São Marcos, "demarcada em 1927 por Rondon e redemarcada pela Funai no ano passado, deixando de fora a maior parte dos índios Guapixanas, Ingaricos e Macuxas". Afirmou que "a atual reserva está ocupada pelos mais fortes fazendeiros". Falou ainda dos Waimiri-Atroári, "que eram 1800 no início e que hoje não chegam a 1000".

No Amazonas, citou como problema maior a não-demarcação de áreas e efeitos nocivos da construção de estradas. Quanto a Rondônia, disse que "a terra dos Pakaa-Nova, do Ribeirão (Posto Indígena Major Amarante) foi loteada pelo Incra através do projeto Sidney Girão de colonização". Outro grupo, o dos Suruis, foi reduzido de 4000 para 250 "desde que foram contactados pela primeira vez pela colonizadora Itaporanga e pelas mineradoras". Segundo o padre, "esses in-

díios tiveram um trágico fim devido às estradas e à colonização".

"No Pará, as dificuldades por que passam os índios não são menores. Os Paracanáns sofreram uma diminuição drástica devido à estrada Cuiabá-Santarém (BR 364) e são dizimados pela blenorragia. No Amapá, os índios Karipuna e Palipur sofrem problemas semelhantes. Em Mato Grosso há a mesma situação, com pequena vantagem de estarem os indígenas conscientes da triste situação em que se encontram, começando a se organizar. São os Xavantes, Bororós, Parecís, Nambiquaras, Irantxi, Erikbatsa, Kajabi, Apiaká e T'apirapé. Na terra dos Bororós, de Rondônia, a Reserva Indígena de Teresa Cristina foi redemarcada no ano passado pela Funai, deixando-se nela a Fazenda do Sr. José Francisco de Figueiredo Ferraz, ex-prefeito de São Paulo ou um irmão seu, não sabemos bem".